

**OLHARES SOBRE DUAS COLEÇÕES:
MARIA LUCIA CATTANI E NILZA HAERTEL**

**IMPRESSIONS OF TWO COLLECTIONS:
MARIA LUCIA CATTANI AND NILZA HAERTEL**

Maristela Salvatori / UFRGS

RESUMO

O presente texto aborda a visitação e leitura de dois grandes acervos: de Maria Lucia Cattani e de Nilza Haertel. Ambas artistas atuaram por longo tempo como professoras de gravura no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e faleceram recentemente. Contemporâneas, com uma diferença de 16 anos de idade, tiveram inserções bastante diferenciadas no panorama artístico local e, com seus legados, aportam importantes contribuições para a reflexão sobre o múltiplo.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Lucia Cattani; Nilza Haertel; arte contemporânea; gravura; múltiplo.

SOMMAIRE

Le présent texte apporte un regard sur deux grandes collections: Maria Lucia Cattani et Nilza Haertel. Les deux artistes ont longtemps travaillé comme professeurs de gravure à l'Institut d'Arts de l'Université Fédérale de Rio Grande do Sul et sont récemment décédés. Contemporaines, avec 16 ans de différence d'âge, les artistes ont eu des insertions très différentes dans le panorama artistique local et, avec leurs héritages, apportent d'importantes contributions à la réflexion sur le multiple.

MOTS-CLÉS: Maria Lucia Cattani; Nilza Haertel; art contemporaine; gravure; multiple.

Tendo como foco possibilidades da gravura na contemporaneidade, a pesquisa em desenvolvimento busca tanto a experimentação quanto a reflexão em torno de diferentes práticas artísticas que abrangem a gravura e o múltiplo. Dentro desta proposta, a investigação sobre os acervos de Maria Lucia Cattani e Nilza Haertel impuseram-se. Com trajetórias e inserções bastante distintas e alguns pontos em comum, ambas artistas, ex-professoras de gravura do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS), deixaram significativos legados.

Maria Lucia Cattani, artista de reconhecida trajetória nacional e trânsito no exterior, aposentou-se com a ideia de dedicar-se à produção artística mas, infelizmente, logo foi acometida pela doença que interrompeu seu percurso. Impactados com sua precoce partida, decidimos, entre os colegas do Departamento de Artes Visuais do IA/UFRGS, prestar nossa homenagem. Visto minha proximidade com a artista e sua família, fui convidada a organizar uma exposição com obras suas.

De sua parte, Nilza Haertel teve uma presença discreta no panorama artístico local. Em 2015, um ano após sua morte, sua família buscou o Instituto de Artes propondo a doação de parte de seu legado. Coube a mim e à Helena Kanaan, como professoras de gravura da instituição, intermediar o processo. Fizemos uma visita ao antigo local de moradia e ateliê da artista e, acompanhadas por sua sobrinha, realizamos uma rápida seleção dos itens em questão. Ao recebermos o material doado, fomos surpreendidas pelo número de gravuras que encontramos em algumas pastas, sobretudo litografias, de autoria de Nilza Haertel. O volume e a potência das imagens nos impressionaram e nos motivaram a dar visibilidade a este acervo.

Revisitando o legado e o acervo de Maria Lucia Cattani

Professora do IA/UFRGS de 1985 a 2013, Maria Lucia Cattani (Garibaldi, 1958 - Porto Alegre, 2015) dedicou-se intensamente à criação. Deixou um riquíssimo acervo de obras de grande versatilidade, que revelam sua potência e sensibilidade como artista que transitou habilidade e liberdade em diferentes meios. Além de seu legado como artista, ao longo de seu percurso como docente-pesquisadora na UFRGS, Maria Lucia destacou-se como uma importante incentivadora de seus estudantes.

Nas palavras de Paulo Silveira, Maria Lucia Cattani:

Era cuidadosa, tinha um trabalho limpo, perfeccionista. No dia a dia de sala de aula, como todos nós, sofria com as precariedades da Universidade, mas, mais que todos, não se deixava abater, sorria e contornava os obstáculos. Esta era a sua marca pessoal e inesquecível: o brilho nos olhos, o sorriso para os colegas e alunos, o carinho nas relações. Foi uma das mais sensíveis artistas professoras da história da UFRGS. (SILVEIRA *Apud* CEREZER, Daiana in: *ADverso*, 2016, p. 49)

Com formação em Artes Plásticas no próprio Instituto de Artes da UFRGS, Maria Lucia Cattani obteve o grau de *Master of Fine Arts* pelo Pratt Institute, em Nova Iorque, e *PhD* pela Reading University, tendo ainda realizado Pós-Doutorado na University of the Arts London. Realizou Residências de Artista no Nagasawa Art Park Artist-in-Residence, Tsuna Town, Japão, e no Frans Masereel Centre, Kasterlee, Bélgica.

De espírito inquieto e não sem ironia, no início dos anos 2000, face às muitas dificuldades encontradas ao expor em instituições públicas onde, com frequência, os artistas eram (e ainda são!) convocados a pagar os custos de transporte, montagem, seguro, fotografias, catálogo, coquetel etc., Maria Lucia e seu marido, Nick Rands, também artista visual, criaram, disponibilizaram e incentivaram o uso do logotipo APIC!, abreviatura de Artistas Patrocinando Instituições Culturais. Conforme publicado por Maria Lucia Cattani no site *Canal contemporâneo*, o manifesto pretendia também encorajar artistas a mobilizarem-se em busca de um tratamento mais justo onde, entre outros, “os custos de uma exposição e as doações a coleções públicas tenham dedução no Imposto de Renda, bem como, que os custos de danos e roubos sejam reembolsados totalmente.” (CATTANI in: *Canal contemporâneo*, 2006). Lamentavelmente, o cenário atual não apresenta muitas mudanças.

Artista versátil, transitando entre diferentes linguagens, e com enorme interesse pelo múltiplo em suas mais diversas manifestações, Maria Lucia Cattani coordenou o LIMIA (Laboratório de Infografia e Multimeios do Instituto de Artes), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) do IA/UFRGS, onde, junto com colaboradores, produziu o *Vaga-lume, Mostra de vídeo experimental*, que fomentou a produção de vídeos entre os estudantes, num momento em que o vídeo-arte ainda era pouco praticado no sul do país. Com nove edições ininterruptas, de

2002 a 2010, o projeto envolveu grande número de estudantes, professores e artistas convidados, do Brasil e do exterior, e teve um enorme sucesso junto ao público.

Com o colega Paulo Silveira, Maria Lucia Cattani tentou montar um setor de Livros de Artista junto à biblioteca do IA/UFRGS. Embora tenha sido uma experiência fracassada na UFRGS, conforme Paulo Silveira, forneceu subsídios que auxiliaram na montagem da coleção especial de livros de artista¹ da biblioteca da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, de iniciativa de Amir Brito Cadôr.

Entre tantas outras atividades, como promoção de workshops, palestras e exposições, de 2003 a 2005, Maria Lucia Cattani, com auxílio de Fernanda Soares², reativou o ateliê de Litografia do IA/UFRGS outrora montado pela professora Nilza Haertel mas então desativado, chamando colegas artistas a experimentar a técnica.

Imprimindo entusiasmo em tudo que fazia, Maria Lucia deixou profundas marcas. Sua partida temporã comoveu nossa comunidade. Planejamos a exposição na Galeria da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do IA/UFRGS, um espaço que lhe fora particularmente caro e ao qual dedicou parte de seu tempo e energia, tendo atuado como Coordenadora.

Ao ser indicada pelo Departamento para realizar a exposição, logo convidei o colega Paulo Silveira para trabalhar junto comigo e entrei em contato com o viúvo da artista para viabilização do projeto. A organização da exposição, iniciada em um momento ainda bastante frágil, sobretudo para os familiares e amigos mais próximos, apressou o necessário trabalho de organização do acervo da artista. Essa importante etapa prévia foi realizada por Nick Rands que, tão logo a concluiu, nos deu livre acesso ao acervo e ao atelier e total liberdade para a organização e a curadoria.

Foi delicado adentrar no atelier investido daquele imenso vazio onde ainda descansavam objetos pessoais da artista, como os óculos sobre o balcão, as últimas pinturas pousadas sobre a mesa, assim como os pincéis e frascos de tintas utilizados e tantas outras marcas evidenciando sua recente presença. De outra

SALVATORI, Maristela. Olhares sobre duas coleções: Maria Lucia Cattani e Nilza Haertel, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.1402-1416.

parte, vasculhar gavetas de mapotecas e armários onde, apesar da proximidade que tínhamos com a artista, fomos muitas vezes surpreendidos ao nos depararmos com obras nunca vistas e/ou sabidas, não cessou de nos surpreender e emocionar. Foi um grande desafio pinçar poucas obras em sua imensa e versátil produção. Após esta difícil tarefa, tivemos a preciosa colaboração dos bolsistas de iniciação científica Mateus Winkelmann e Sara Winkelmann que, além de fotografarem uma parte do acervo, produziram vídeos onde os livros de artista de Maria Lucia eram folheados pelas delicadas mãos de Sara.

A repetição dos gestos em Maria Lucia Cattani: do múltiplo ao único

No recorte curatorial proposto para a exposição, buscamos abarcar diferentes produções e períodos, de forma a compor uma visão abrangente da poética de Maria Lucia. A exposição, intitulada *Maria Lucia Cattani: Gestos e Repetições*, foi exibida de setembro a outubro de 2016, apresentando gravuras, pinturas, desenhos, objetos, vídeos e livros de artista, contando com obras desde os anos 80 até trabalhos realizados em 2014, constituindo, desta forma, uma primeira exposição panorâmica de sua obra, visto que, em vida, a artista costumava expor apenas suas produções mais recentes. Decidimos ser generosos com o público porto-alegrense exibindo algumas obras já quase esquecidas, bem como apresentando algumas obras inéditas na cidade, como o painel *Venetian red Chinese orange*, de 1998, que ocupou toda uma parede da Galeria.



Figura 1: Vista parcial da exposição, Galeria da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Porto Alegre, 2016. Ao fundo *Venetian red Chinese orange*

Fotografia: Felipe Conde

Realizado em guache sobre papel, durante seu doutoramento na Inglaterra, o grande painel *Venetian red Chinese orange*, tem 345 x 345 cm, dimensões superiores às da sala de exposição, razão pela qual necessitou ser levemente enrolado para ser apresentado. Este painel, a exemplo de outros realizados no mesmo período, conjuga vários elementos caros à sua poética. Nele Maria Lucia Cattani gravou, com goiva, algumas linhas sobre uma pequena borracha de látex (cerca de 4 x 4 cm). Linhas com estas características, mais tarde, viriam a constituir uma espécie de alfabeto pessoal, presentes em boa parte de sua produção artística. A artista explorou esta única e pequena peça/matriz numa repetição modular, imprimindo manualmente sobre finas e delicadas folhas papel oriental, justapondo as sucessivas impressões de forma ortogonal – em grade, cuja tinta ia desvanecendo-se até nova reposição de tinta na matriz. Estes gestos eram repetidos à exaustão – numa repetição que gera uma seriação, acrescentando módulos/impressões, sempre levemente diferente. As numerosas folhas foram, por sua vez, também justapostas. O imenso e frágil painel, longe de qualquer monotonia, configura uma forma vibrante e sedutora. Conforme aponta Eduardo Veras, ex-aluno de Maria Lucia, a artista “conjugava, de modo muito equilibrado, certo engenho matemático e meticuloso, de herança conceitual, e uma delicadeza comovente”. (VERAS *Apud* CERZNER, Daiana In: *ADverso*, 2016, p. 48)

A estrutura de grade, presente em sua poética, segundo Rosalind Krauss, anunciaria a vontade de silêncio da arte contemporânea e instalaria uma barreira entre as artes visuais e a palavra, pela sua hostilidade à literatura, à descrição e ao discurso (KRAUSS, 1993, p. 93).

Foram expostas numerosas gravuras e livros de artista, desenhos, vídeos e alguns objetos impressos. Além dos vídeos produzidos pela artista, que foram continuamente apresentados em dois monitores, exibimos o vídeo *Shadowlands*, de 5', editado em 2015 por Nick Rands com filmagens encontradas na câmera da artista, e ainda, em um terceiro monitor, alguns vídeos documentando a produção de obras, vídeos com depoimentos de ex-alunos e, finalmente, vídeos especialmente produzidos para a exposição, que mostravam as páginas abertas de seus livros de

artista – estando presente na exposição um bom conjunto deles, sob os vidros de vitrines.



Figura 2: Detalhe de expositor, com monitores exibindo vídeos da artista.
Galeria da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Porto Alegre, 2016
Fotografia: Caroline Veilson

Passeando entre o único e o múltiplo, as obras escolhidas abrangem um período longo de produção e mídias diversas, destacando elementos chave na poética da artista: a repetição dos gestos, o desdobramento das formas, a mescla de velhas e novas tecnologias que, notadamente, a artista utilizava de forma alternada ou concomitante. Buscamos apresentar um pouco da versatilidade da artista e estabelecer uma conversa entre estas obras que ora utilizam recursos artesanais, como do corte com goiva, ora novas tecnologias e recursos digitais diversos, incluindo a produção de vídeos, impressões digitais, cortes a laser, tanto para criação de obras em si quanto utilizados como recurso, fazendo parte do processo. Este é um mecanismo de sua poética importante a ressaltar. Um primeiro traço em desenho podia ser usado para gerar uma matéria gravada a laser que, por sua vez, podia ser utilizada como forma final e/ou matriz para novos desdobramentos. Com muita frequência seus trabalhos engendraram um espelhamento de muitas ações e diferentes resultados.

A exposição mostrou parte da riquíssima produção de gravuras da artista, sobretudo gravuras de entalhe e em metal dos anos 80 e 90, nas quais explorava o

desdobramento das formas, imprimindo as matrizes com variações e utilizando as diferentes impressões de forma a compor amplos painéis, como na gravura sem título, de 1989/90, a seguir reproduzida, que ainda conta com a sobreposição de impressões em finos papéis de seda que oscilavam com o deslocamento de ar, criando sombras em movimento. Também apresentou gravuras autônomas, de médio ou grande formato, utilizando papéis variados, em composições em preto e branco, monocromias ou explosões de cores.



Figura 3: Maria Lucia Cattani (1958 - 2015). Sem título, 1989/90. Gravura em metal, 180 x 180 cm (políptico). Acervo MLC, Porto Alegre (RS)
 Fotografia: Nick Rands

Com um público ampliado pela presença de especialistas em artes participantes do 25º Encontro da ANPAP, a exposição constituiu uma das primeiras ações articuladas ao Projeto Maria Lucia Cattani, uma iniciativa de Nick Rands, que visa manter vivo seu legado, promovendo, além da preservação de suas obras, exposições, residências artísticas e editoração de obras gráficas relacionadas à obra da artista. A exposição *Gestos e Repetições* recebeu o Troféu Açorianos de Acervo e Memória do 10º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (2016). Em paralelo à exposição, e conectado à ela, promoveu-se o Seminário Múltiplos e Únicos,

pontuando diferentes aspectos da obra de Maria Lucia Cattani, contando com a participação de Carlos Martins, Jailton Moreira e Paulo Silveira, promovendo-se também o lançamento dos livros *Vaga-Lume: mostra de vídeo experimental* (2002 - 2011), organizado por Elaine Tedesco e Lu Rabello e *A última parede*, organizado por Nick Rands. Finalmente, promoveu-se a apresentação da *Lecture-recital Scattered Loves*, com Celso Loureiro Chaves, onde o compositor apresentou *Um ponto ao sul*, de Maria Lucia Cattani e *Intersecções composicionais* com Celso Loureiro Chaves e vídeo de Marta Biavaschi.

Vinculado a nossas pesquisas junto ao CNPq, este projeto foi realizado pelo Grupo de Pesquisa Expressões do Múltiplo PPGAV/IA/UFRGS – CNPq e contou com apoio da Pró-reitoria de Extensão e da Pró-reitoria de Pesquisa (PROEXT e PROPESQ), da UFRGS, da ADUFRGS - Sindical (Sindicato Intermunicipal dos Professores de Instituições Federais de Ensino Superior do RS), do Atelier das Massas e de numerosos estudantes, colegas e amigos que viabilizaram o conjunto de atividades e a publicação de um catálogo ilustrado.³

Descobrimo o acervo de Nilza Haertel

Em 2016, dentro do mesmo objetivo de refletir sobre diferentes práticas artísticas que abrangem a gravura e o múltiplo, e valorizando a produção de artistas contemporâneos próximos, também trabalhamos sobre o legado de Nilza Belita Grau Haertel (Porto Alegre, 1942 - 2014), professora no IA de 1980 a 2009, cujo acervo havia sido proposto pela sua família para doação ao IA/UFRGS.

Junto com a colega Helena Kanaan, também professora de gravura na instituição, intermediei os contatos para esta doação. Ainda num primeiro momento, desconhecendo o acervo de gravuras da artista, pensamos em prestar homenagem à artista com a organização de uma pequena exposição de obras suas. Tendo sido uma pessoa bastante reservada, que realizou e participou de exposições em raras ocasiões, poucos privaram do privilégio de conhecer seu trabalho artístico. Assim, foi uma grata surpresa, ao recebermos o material proposto à doação, descobrir em meio às pastas, um volume expressivo de gravuras de autoria de Nilza Haertel. Imediatamente, decidimos buscar um espaço amplo que desse conta desta produção. Entramos em contato com a coordenação do Centro Cultural CEEE Erico

SALVATORI, Maristela. Olhares sobre duas coleções: Maria Lucia Cattani e Nilza Haertel, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.1402-1416.

Veríssimo, em Porto Alegre, e recebemos uma calorosa acolhida à ideia da exposição. Iniciamos o trabalho de curadoria conjunta da exposição que veio a ser denominada *Nilza Haertel: Experimentações Gráficas* e que foi precedida por uma primeira organização do acervo.

Pessoalmente, convivi com Nilza, primeiro como aluna de desenho, no início de minha formação e exatamente no início de seu trabalho docente junto ao Instituto de Artes da UFRGS, logo após seu retorno da Holanda onde realizou cursos de aperfeiçoamento em gravura e pintura. Guardo este período com bastante carinho, ela era interessada na evolução dos alunos, sentia-me estimulada por seu olhar e seus conselhos. Anos depois, a reencontrei, então como colega no IA/UFRGS, e já não conseguia mais ver o antigo entusiasmo, parecia-me mesmo abatida e recorro de ter escutado alguma menção a problemas de saúde na família.

Em que pese minhas impressões como colega, alunos de períodos posteriores trazem relatos que reiteram seu entusiasmo docente. Bethielle Kupstaitis, que foi sua aluna por dois meses em 2008, pouco antes da aposentadoria de Nilza Haertel, dá o seguinte depoimento:

[...] As aulas dela eram maravilhosas, empolgantes e em nada sugeria que em breve ela se afastaria tamanha era sua dedicação no ensino.

Depois disso, mantivemos contato por um bom tempo através de e-mails. Em 2009 e 2010 consegui visitá-la em sua casa algumas vezes. [...] eu levava os trabalhos novos que eu havia feito, ela olhava tudo com muita atenção e sempre gentil, tinha os melhores comentários, sempre motivadores, entusiastas com a Arte e feliz por ver uma aluna se lançando à experimentação.

No final de cada encontro havia já a promessa do próximo, de mais coisas que eu deveria ver e conhecer... Ela nunca deixou de ensinar e tinha muito a dizer. [...] (KUPSTAITIS, 2016).

Bethielle Kupstaitis ainda comenta da alegria de, pela exposição, visitar o acervo que tivera o privilégio de conhecer pelas mãos da própria artista, “que docemente falava sobre a experiência de tê-las feito e sobre a relação entre elas e a música clássica de que gostava.” (KUPSTAITIS, 2016). Em depoimento pessoal posterior, Bethielle ainda relembra “do quanto ela adorava aquela prensa alemã que ficava no centro do ateliê,” que na época que “a visitava, há muito ela estava em desuso.”

Também menciona que quando perguntava por que Nilza não mais expunha, a professora-artista “desconversava e dizia que era feliz com a docência, com toda a troca que tinha com os alunos e que pensar na sua produção ficava em segundo plano.”⁴

Nilza Haertel, assim como Cattani, era “prata da casa”, tendo cursado estudos superiores, em pintura e desenho, no Instituto de Artes da UFRGS, cerca de duas décadas antes de Maria Lucia e, ainda antes disto, realizado uma formação fundamental em piano no mesmo Instituto. Realizou mestrado em Belas Artes na Colorado State University e doutorado em História da Arte na Indiana University. Nilza retornou dos EUA com entusiasmo e deu início à implantação do ateliê de litografia do IA/UFRGS, chegou mesmo a criar disciplinas de Litografia, que chegaram a ser inseridas no currículo então vigente, porém, após seus primeiros ensaios, realizados em cursos de extensão, a professora ficou desencorajada face às dificuldades técnicas e administrativas encontradas e renunciou à prática da litografia no Instituto. Posteriormente, em 2003, as atividades do ateliê de litografia foram retomadas pela professora Maria Lucia Cattani, novamente por meio de projetos de extensão, e hoje estão, finalmente, incorporadas, de fato, ao currículo da graduação em Artes Visuais e em franco desenvolvimento sob os cuidados da professora Helena Kanaan.

A repetição das formas em Nilza Haertel: o desdobramento da imagem

Realizei, com apoio de estudantes bolsistas, um esforço prévio de organização do material recebido. Com base neste nesta primeira organização, foi possível iniciar o trabalho de seleção de obras para a exposição bem como esboçar um seminário com o objetivo de pensar a obra de Nilza Haertel e o papel do artista na universidade. As informações iconográficas levantadas, bem como algum material textual relacionado, foram disponibilizadas para os pesquisadores.

Este acervo, constituído de um conjunto bastante volumoso de imagens, em sua maioria gravuras, demonstra uma atitude investigativa sistemática de Nilza, que testa os mais variados recursos, seja como docente e/ou artista pesquisadora. São testados os potenciais gráficos de elementos diversos, como uma simples bandeja descartável de alumínio que é utilizada em impressões de entalhe e de relevo em

associação a outras formas, e dá origem à uma série de imagens de 1979 a 1983. Identificamos também ensaios com colagravura, agregando lixas e cordões, em impressos em relevo e de entalhe, e experimentos com serigrafia e monotipia, entre outros.

Dentre o material doado, contabilizamos cerca de cento e quarenta gravuras, sendo sessenta e seis delas datadas e assinadas. Há também gravuras assinadas, porém sem data. Embora a produção recebida, com datação, cubra o período de 1968 a 1990, a maior parte das gravuras elencadas foram realizadas em litografia e produzidas entre 1983 a 1986.

Encontramos um volumoso número de testes e diferentes impressões em papéis de formato e características distintas. Nilza Haertel demonstrava estudar com afinco algumas formas que aparecem constantemente, ou são reincidentes. Localizamos uma litografia de 1968, em preto e branco, cuja composição - sem nenhuma variação - foi retomada em 1978 em serigrafia, numa versão pouco menor, e com acréscimo de uma impressão em cor. Encontramos até 1983 imagens figurativas, realizadas, possivelmente, a partir de observação do natural, retratando flores, paisagens e pessoas.

A partir do grupo de imagens que compõe seu memorial de mestrado, realizadas de 1982 a 1985, os detalhes de fachadas com portas (série *Doors*) e janelas, de 1983, realizadas em gravura em metal, apresentam massas de cor que ganham força e tendem à abstração, enquanto as imagens realizadas em litografia perdem a cor, franqueiam o gesto e ganham o espaço, em dimensões pouco comuns à prática no sul do Brasil. As imagens recebem títulos que remetem à música e fenômenos da natureza (*Adagio, Woods' sounds and silence, Echoes, Grass and Water, Spring, Water Wings, Canyon Wall, Sounds and Silence, Dark Chords, Impromptu II, etc.*).

Além da natural imersão na pesquisa, própria ao desenvolvimento do mestrado, possivelmente, o contato maior com o expressionismo abstrato americano e a possibilidade de frequentar ateliês bem equipados para a produção de formatos avantajados, especialmente na técnica de *lito offset*, que utiliza placas de metal sensibilizado, tenha favorecido a produção destas imagens em litografia, com tratamento gráfico resultante de gestos amplos e grandes dimensões.



Figura 4: Nilza Haertel (1942 - 2014). *Spring*, 1984. Litografia, 76,5 x 57 cm.
Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, IA/UFRGS, Porto Alegre (RS).
Fotografia: F. Zago/Stúdio Z.

Não é menos impressionante o volume de gravuras de menor formato, sobretudo apresentando formas retangulares e quadradas, como as séries *Rock* (sem data), *Fragment* (1985-1987) e *Square* (1985), onde encontram-se pequenas diferenças de uma imagem a outra. Na sucessão de imagens, Nilza demonstra uma pesquisa técnica de grande rigor, sem perder o lirismo.

Aproveitando o fato de dispormos de vários exemplares de muitas das gravuras, na exposição, nos permitimos explorar a possibilidade de montagem de forma modular, assim, propusemos uma nova leitura para algumas de suas obras, como no painel a seguir.



Figura 5: Montagem, realizada pelas curadoras, na exposição Experimentações Gráficas, no Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, em Porto Alegre, com litografias de Nilza Haertel (1942 - 2014), Sem título, 1984, 76,5 x 55 cm (cada peça).

Fotografia: Maristela Salvatori.

A exposição, realizada de setembro a outubro de 2016, atraiu um número significativo de pessoas. Nela, para trazer a público um pouco dos processos de trabalho de Nilza Haertel, além das gravuras, apresentamos vitrines com matrizes de *lito offset* e muitas provas de estado com anotações do punho da artista e, finalmente, forjamos um painel com desenhos, lâminas, fotocópias e ramos de plantas sobrepostos, evocando o painel que encontramos na visita a seu ateliê, e que compunham elementos de seu repertório imagético e últimos estudos.

Articulado à exposição, organizei o seminário *O artista pesquisador na universidade*, que teve a participação de Lurdi Blauth, Flávio Gonçalves, Helena Kanaan e Hélio Fervenza, de forma estabelecer um diálogo desta produção com a pesquisa e o papel do artista na universidade.

No decorrer de 2017 organizei, com Helena Kanaan, o livro *Experimentações gráficas de Nilza Haertel: recorte de um acervo*, lançado em 2018 pela MarcaVisual, financiado pela ADUFRGS - Sindical e pela PROEXT/UFRGS, com textos nossos e de Lurdi Blauth e Flávio Gonçalves e apresentações de Blanca Brites e Paulo Mors. No livro são problematizadas questões da pesquisa em artes na universidade ao mesmo tempo que se apresenta o acervo de Nilza Haertel comentando-se várias

das etapas do projeto que envolveu este acervo, em fase de tombamento pela Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do IA/UFRGS.

Estudar os acervos de Maria Lucia Cattani e de Nilza Haertel – duas importantes coleções de arte contemporânea -, além de valorizar estes legados, possibilita a reflexão sobre questões que envolvem o múltiplo e a gravura na contemporaneidade, um momento onde as fronteiras entre as diferentes linguagens são bastante permeáveis e verificam-se crescentes e saudáveis contaminações.

Notas

¹ Ver <https://colecaolivrodeartista.wordpress.com>

² Na época, bolsista.

³ Disponível em https://issuu.com/nickrands/docs/gestos_miolo_6501954de1d509

⁴ Depoimento de Bethielle Kupstaitis à autora via mensagem no Facebook, em 16 de maio de 2018.

Referências

ADverso. Porto Alegre: ADUFRGS/Sindical, n. 222, set-out. 2016. Disponível em: <http://www.adufrgs.org.br/adverso/edicao-no-222setembrooutubro-2016/>

KRAUSS, Rosalind. *Grilles, L'originalité de l'avant-garde et autres mythes modernistes*, Paris: Macula, 1993.

KUPSTAITIS, Bethielle, depoimento em post de 12 de outubro de 2016 no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/bethielle.kupstaitis/posts/10211158601062080>

SALVATORI, Maristela; KANAAN, Helena. *Experimentações gráficas de Nilza Haertel: recorte de um acervo*. Porto Alegre: MarcaVisual, 2018.

Site:

Canal Contemporâneo, Informações para o artista sobre o custo-benefício de editais, postagem de 25 de janeiro de 2006

<http://www.canalcontemporaneo.art.br/saloesepremios/archives/000627.html>

acessado em 19/07/2006

Maristela Salvatori

Artista Visual. Docente do Instituto de Artes UFRGS, onde foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e Coordenadora da Galeria da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Doutora em Artes e Ciências das Artes por Paris I, Estágio Sênior/CAPES, na Université Laval, Canadá. Artista Residente na Cité Internationale des Arts, Paris, e no Centro Frans Masereel, Kasterlee. Membro da ANPAP e do Conselho Editorial das Revistas :Estúdio, Gama e Cromo, da FBAUL. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.